

Crise que abalou comitê do PRN serenou após debate

Dora Tavares de Lima, Rosângela Bittar e Augusto Fonseca

BRASÍLIA — Às 21h do dia 3 de dezembro, Belisa Ribeiro foi vista no Rio saindo do Hotel Novo Mundo, na Praia do Flamengo, onde, exatamente no apartamento 506, estava hospedado Luis Inácio Lula da Silva. Meia hora depois, Lula enfrentava Fernando Collor no debate da TV Manchete, a 200 metros do hotel. Leopoldo Collor, seu irmão, até hoje suspeita que Belisa, diretora do programa do PRN no horário gratuito, era uma espiã do PT e passou para o adversário os segredos da estratégia de Collor no debate. Esta foi a origem de uma crise que explodiu no centro da campanha, 14 dias antes da eleição, envolvendo os mais íntimos assessores de Collor.

Sem provas contra Belisa, Leopoldo teve que amargar, dias depois, o prazer dos principais auxiliares do candidato que registraram, como único caso comprovado de deserção, o da assessora e íntima amiga do próprio Leopoldo, a jornalista Maria Helena Amaral, que saiu da campanha acusando o ex-patrão de ser corrupto. Mas a crise estava armada e, por causa dela, Belisa chegou a sair da campanha, no final da semana passada. Voltou no dia seguinte, a pedido do próprio Collor, que recebeu uma reação temperamental da jornalista, que poderia declarar voto em Lula no programa do horário gratuito do PT. Belisa teria feito essa ameaça ao tesoureiro da campanha, Paulo César Farias, para conseguir receber a segunda parcela de seu contrato, no valor total de 100 mil dólares.

No decorrer dessas duas semanas, Leopoldo Collor estendeu suas suspeitas ao líder do PRN na Câmara, Renan Calheiros, e ao assessor de imprensa, Cláudio Humberto, cogitando que a condução dada por eles à campanha acabava favorecendo o adversário. Na última quinta-feira, o irmão do candidato chegou a telefonar para a casa de Cláudio, deixando o seguinte recado: "Digam que vou quebrar a cara dele". Interessados em dar um ponto final à crise, que finalmente foi abrandada nesta sexta-feira com a análise favorável que fizeram do segundo debate, os assessores procuravam ignorar as acusações. "A avaliação dele (Leopoldo) não tem nenhuma importância para mim", disse Renan.

"A única infiltrada do PT que eu conheço é a jornalista Maria Helena, assessora do Leopoldo em São Paulo há muitos anos", provocou Cláudio Humberto. Já no Rio, para onde foi depois do debate, Belisa preferiu temporizar: "Não acredito que o Leopoldo tenha esse tipo de desconfiança a meu respeito, porque sempre tivemos uma relação cordial e ele me pareceu uma pessoa tão digna quanto o irmão".

Leopoldo foi menos cordial, na quinta-feira, poucas horas antes do debate, quando deu uma entrevista referindo-se aos três como "fariseus e falsos". Para Belisa sempre reservou palavras duras. No início desta semana, no auge da crise, comentou, perto de um auxiliar da jornalista: "Ela está enganada se pensa que ainda pode dar palpites no programa. Só voltou para a campanha porque lhe demos um cala-boca".

Palpites — A suspeita de Leopoldo de que Belisa tenha cometido um ato de espionagem foi um pretexto usado para estravar uma insatisfação geral da campanha com o programa de televisão. A jornalista reclamava das ausências do candidato e da falta de orientação política sobre o que levar ao ar. Cláudio Humberto, Renan Calheiros, Cleto Falcão e Sebastião Nery reclamavam que ela não aceitava nenhuma sugestão e que só gravava de madrugada, quando todos estavam dormindo ou viajando.

A família do candidato, que também criticava Belisa, queria participar da elaboração do programa. Ora a mulher de Collor, Rosane, pedia que sua amiga Cláudia Raia aparecesse mais, ora dona Leda, mãe do candidato, telefonava dando sugestões. Leopoldo, que trabalhou 16 anos na Rede Globo, não queria ficar de fora e até a irmã de Collor, Leda, casada com o embaixador Marcos Coimbra, dava opiniões.

Foi por ouvir as opiniões de Cláudio e Renan e acatar uma ordem de Collor que Belisa não incluiu cenas do primeiro debate no programa do dia seguinte ao confronto entre Lula e Collor. Os dois assessores disseram que era melhor não usar cena alguma, porque parecia uma posição arrogante mostrar apenas trechos favoráveis ao candidato. A jornalista estava no restaurante Petronius, no segundo andar do Hotel Caesar Park, em Ipanema, quando, consultada ao telefone por sua equipe, perguntou a Collor: "Vou fechar o programa sem o debate, posso?" "Claro, pode", autorizou o candidato.

Tranquila, Belisa foi para sua casa na Barra com o marido Marcos Paulo, eleitor declarado do PT, a quem Leopoldo Collor atribui a conexão que imagina existir entre a jornalista e Lula. Na segunda-feira, o PT capitalizou o debate, mostrando os melhores momentos de Lula no programa do horário gratuito.



Belisa Ribeiro

to. Aí, na campanha do PRN todos se deram conta de que deveriam ter feito o mesmo. "Ficamos sem saber o que fazer, demos uma bobeadinha", reconheceu Cláudio Humberto.

Imediatamente, Leopoldo começou a fazer carga contra Belisa, atribuindo a culpa a ela. "Foi preguiçosa", acusou. No dia 5, dois dias depois do debate, integraram-se nessa oposição Renan, Cláudio e Nery. Viajando de avião para Brasília com Collor, queixaram-se de Belisa e disseram que ou o programa mudava ou a eleição estava perdida. Collor deu carta branca e mandou que discutissem o problema com ela.

Bate-boca — No dia 7, a crise estava nos jornais, o que deixou Belisa furiosa. Cláudio Humberto, a quem foi atribuído o vazamento da informação, tratou de fazer desmentidos públicos de que a jornalista estaria sendo criticada na campanha e, ao mesmo tempo, convocava uma reunião para tentar acalmar os ânimos. À noite, no estúdio, sentaram-se em volta de uma mesa Cláudio, Renan, Belisa e o deputado estadual de Alagoas Cleto Falcão. Belisa logo cobrou de Renan o conselho para não incluir o debate no programa. Ele fugiu do assunto: "Eu não disse nada disso".

Mas o bate-boca mesmo foi entre ela e Cleto Falcão. "Você está sendo regimento pago para fazer esta m... de programa", atacou o deputado. "Você não tem condições de avaliar, não entende nada disso", defendeu-se Belisa. Cleto devolveu: "Quem está avaliando é o povo e isto está nas pesquisas". Enquanto o grupo discutia, Collor autorizava Leopoldo a intervir na produção do programa e contratar um novo diretor. Nessa altura, Belisa, já percebendo que queriam mesmo afastá-la do programa, escreveu uma carta para Collor se justificando.

Na sexta-feira, Belisa foi tratar de receber seu pagamento, com medo de que depois de voltar para o Rio, ficasse sem a segunda parcela do que combinara em contrato. Na madrugada, de novo a crise explodiu e dessa vez parecia definitiva. Ela estava com sua equipe no estúdio, junto com Cláudio Humberto, quando apareceram cinco publicitários da agência Fischer e Justus dizendo que, a pedido de Cleto Falcão, estavam assumindo a direção do programa. Chegaram com ares de comando, examinando equipamentos e dando orientações. Belisa se retirou e Cláudio tentou explicar que eles estavam ali apenas para ajudar, não para assumir.

Eles causaram um grande mal-estar e foram logo dispensados. Aborrecidos, os publicitários deixaram tudo e foram jantar no restaurante Florentino. Mas Belisa também já estava fora do esquema e comunicou isso a um amigo às 3h, num telefonema desolado: "Faço meu último programa e arrumo as malas". Bem cedo, antes das 7h, foi embora para o Rio, e ordenou que sua equipe levasse embora material de arquivo



Leopoldo Collor de Mello

pertencente à sua empresa, a Video-Release. Antes de ir embora, deixando uma segunda carta para Collor — dessa vez se despedindo da campanha —, já sabia que o jornalista Chico Santa Rita assumiria o programa, a convite de Leopoldo, com quem trabalhou na Globo. Era a solução que Collor havia pedido.

Meia-volta — Chico chegou a Brasília no sábado de manhã e, junto com Leopoldo, foi para a casa do embaixador Marcos Coimbra, um dos mais contundentes críticos de Belisa — que compartilha das suspeitas de Leopoldo e por várias vezes já se referiu a ela como uma pessoa "sem classe". Na casa do Lago Sul, Chico se reuniu com Collor, que durante os dois dias mais graves da crise ficou longe do estúdio, onde só apareceu depois que Belisa foi embora.

A primeira providência foi acertar a participação, na segunda-feira seguinte, de Collor no programa de Ferreira Neto na TV Record. O apresentador estava também na reunião e ali mesmo combinaram que a entrevista seria usada no programa do PRN. Dali foram todos para o estúdio e, antes da gravação, fizeram nova reunião e rediscutiram o assunto Belisa, ao receberem a informação de que ela poderia participar do programa do PT. "É melhor tê-la do nosso lado", aconselhou Leopoldo.

Collor imediatamente foi para o telefone e fez a ela um apelo pessoal: "Você sair é ruim para mim e ruim para sua empresa". Disse também que seus dois filhos gostavam muito dela e que sofreriam com um rompimento desse tipo. Belisa capitulou e no mesmo dia estava de volta a Brasília, para ser apresentada à imprensa, ao lado de Chico Santa Rita, para dar a impressão de que estava tudo bem. No domingo, foi feito um programa em conjunto, mas na segunda-feira, dia 11, a confusão voltou a tomar conta da equipe — com Chico defendendo um tom mais duro, na linha anticomunista de que Belisa discordava — e, na madrugada de terça, o afastamento dela do programa foi definitivo.

Mau-gosto — Às 3h da madrugada, depois de participar do programa Ferreira Neto, em São Paulo, Collor chegou a Brasília e foi para o estúdio, na companhia do apresentador e com a fita da entrevista debaixo do braço. A sua espera estavam Belisa, Cláudio, Renan, Zélia Cardoso de Mello e Sebastião Nery, Chico Santa Rita e Leopoldo. Ao ver o esboço de programa que Belisa havia preparado para o dia seguinte, Collor explodiu: "Estou levando pancada há uma semana e ninguém consegue produzir um programa decente".

"Se você quer um programa pesado, eu tenho um aqui contra o Bisol (candidato a vice pelo PT acusado por Leonel Brizola de corrupção)", reagiu Belisa. Collor assistiu a gravação e desprezou: "É de muito mau-gosto". Puxou Leopoldo

para uma sala e às 4h da madrugada saiu, batendo no ombro do irmão na frente de todos: "Você está no comando". Nessa altura, pressentindo que estava perdendo poder na campanha, o grupo alijado do programa decidiu cuidar só do último debate. "Estamos fora do programa", dizia Cláudio Humberto, que tentou marcar para esse mesmo dia, à tarde, uma reunião em Belo Horizonte, para elaborar sugestões para o debate.

Não conseguiram se organizar e menos ainda sensibilizar o candidato. Enquanto Belisa ficou no Hotel Saint Paul, esperando a ordem para ir ao hangar da Lider embarcar para Belo Horizonte, Cláudio tentava encontrar Renan, que embarcava na surdina para o Rio de Janeiro, em companhia do deputado Cleto Falcão, sem dar maiores explicações. Renan só deu notícia à noite e prometeu voltar para Brasília no dia seguinte.

Na mesma hora em que atendeu ao telefonema de Renan, Cláudio Humberto via o programa com o depoimento da ex-namorada de Lula ir ao ar. Constrangido, evitou maiores comentários: "Não gosto disso". O mesmo clima tomou conta dos outros assessores. Zélia chegou até a cogitar de abandonar a campanha e comentou com um assessor que só não fez isso "porque teria um efeito devastador para o Fernando".

Geladeira — Mas o que os unia ainda era a esperança de poder influir na preparação do debate, e por isso continuavam programando uma reunião em Belo Horizonte. Só que de lá, Marcos Coimbra, da Vox Populi (filho do embaixador), não dava o menor sinal de que estava disposto a receber o grupo. E pior, Collor também ignorava qualquer trabalho desses assessores. "Ele deu um gelo em todo mundo", resumiu um deles. Mesmo assim, marcaram o encontro em Belo Horizonte, na quarta-feira, dia 13.

Diante do silêncio de Collor, resolveram ficar mesmo em Brasília, numa reunião tumultuada pela denúncia de Maria Helena Amaral, assessora de Leopoldo, de que a ex-namorada de Lula teria recebido dinheiro para dar o depoimento atacando o candidato do PT. Decidiram ali que se alguém tinha de dar alguma explicação pública era Leopoldo, e mandaram dizer isso a ele no estúdio, onde o irmão de Collor deu suas explicações. Resolvido isso, continuaram tentando organizar centenas de documentos para o debate.

Zélia, desavisada, chegou a Belo Horizonte depois de fazer uma conferência em Recife e cancelar dois outros compromissos. Telefonou de lá furiosa e foi aconselhada a voltar para Brasília. Quando chegou, encontrou todos reunidos no comitê, às voltas com os papéis, sem nenhuma orientação de Collor sobre a estratégia que gostaria de adotar no debate. "Vocês não estão percebendo que esse trabalho é inútil?", alertou Zélia. Decidiram então ir embora e continuar tudo no dia seguinte.

As cegas — No dia do debate, quinta-feira, voltaram a se encontrar no Edifício OK, em frente ao comitê central. Estavam lá Cláudio, Renan, Zélia, Nery, Luis Romero, Ronaldo Monterosas e quatro secretárias, quando Belisa, atrasada, entrou pela sala aos gritos: "Se vocês estão pensando que vou sair dessa campanha com fama de incompetente, estão muito enganados". De manhã, ela tinha sabido que seria apontada como o bode expiatório de uma eventual derrota. As pessoas pediram que ela não gritasse, pois havia jornalistas na ante-sala, e Cláudio Humberto cortou: "O debate agora é muito mais importante que essa briga".

Retomaram o trabalho que faziam há dois dias às cegas, sem saber se Collor usaria os documentos à noite. No meio da tarde, finalmente o candidato deu um sinal de que queria falar com a assessoria. Foram todos para o estúdio gravar um programa que, no meio da confusão, não se deram conta de que não iria ao ar, pois o debate terminaria depois do prazo legal da propaganda eleitoral. Voltaram de lá tensos, pois no estúdio surgira a informação de que Leopoldo Collor ameaçava dar uma entrevista denunciando Belisa, Renan e Cláudio de espionagem pró-PT.

Só conseguiram entregar as pastas com documentos para Collor na hora do embarque para São Paulo, duas horas antes do debate. Como Leopoldo já estava em São Paulo desde o dia anterior, todos foram no avião de Collor. Estavam apreensivos quanto à atuação do chefe, porque até então não tinham ideia do que ele pretendia fazer diante de Lula, e temiam um desastre fatal. Para surpresa deles, a crise não afetou o candidato que, na avaliação da assessoria, massacrara Lula nos cinco blocos do debate.

Depois desse resultado, o sentimento geral era de euforia. Belisa voltou definitivamente para o Rio, Renan e Cláudio passaram a tarde de sexta-feira reunidos com Collor no comitê, Leopoldo e Santa Rita ficaram em São Paulo. E o que fazer com as divergências internas que, embora amenizadas não foram resolvidas, ficou sendo um problema para ser discutido depois da eleição.